

BREVE HISTÓRIA DESTA COLEÇÃO MARIA CAROLINA FENATI



CADERNO DE LEITURAS N.100

BREVE HISTÓRIA DESTA COLEÇÃO

MARIA CAROLINA FENATI

para os leitores

Esta coleção de textos começou na manhã seguinte de uma noite dedicada à leitura. Queria escrever em resposta ao que havia escutado, e talvez naquela época não imaginava que estaria, como estou agora, escrevendo o número cem de uma série de ensaios que desde então nomeei Caderno de Leituras. Era dezembro de 2011, vivíamos em Lisboa e há pouco mais de dois anos fazia doutorado sobre a escrita de Maria Gabriela Llansol. Muitos dos meus dias eram vividos nas bibliotecas ou no espólio de Llansol, entre seus livros e diários – tinha uma bolsa de estudos e minhas tarefas eram ler e escrever.¹ No dia a dia desse trabalho não encontrava quase ninguém, e vivia esta estranha solidão do estudante: rodeada de livros, estava em companhia da língua e me sentia de algum modo sempre à escuta de alguém; todavia, esse alguém, sempre ou quase sempre, estava ausente.

Naquela noite, depois de um dia na biblioteca, fui ao Bartô, um pequeno bar no subsolo de uma escola de circo, no centro histórico de Lisboa. Aconteceria ali o lançamento da edição sonora de *O Senhor Henri*, de Gonçalo M. Tavares. Quando cheguei o bar estava cheio, alguns amigos conversavam sobre literatura, folheávamos a nova edição, o inverno era intenso e bebíamos alguma coisa para aquecer. A edição

1 Durante os anos do doutorado tive uma bolsa da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de Portugal. Isso foi fundamental para que pudesse viver aqueles anos entre livros, com tempo para dedicar ao estudo da literatura. No Brasil atual, as políticas de sucateamento das universidades públicas tornam esta experiência rara, para não dizer impossível, e as consequências são graves e se estendem para muito além do que poderíamos imaginar – o que seria feito, criado, inventado pelas pesquisas que não estão acontecendo? É um pedaço do futuro que desaparece. A minha vida foi definitivamente marcada pelo meu tempo de estudo e isso não deveria ser um privilégio – quem quiser dedicar-se à pesquisa e aos estudos deveria poder fazê-lo com acesso às bolsas, que é a única possibilidade de fazer isso com dignidade, afincamento e descanso. Esta coleção é um dos desdobramentos dos estudos daqueles anos, e é evidente que está também compromissada com a democratização do acesso à leitura.

foi apresentada e ouvimos o que tinha a dizer a equipe que a tinha feito.² Quando alguém anunciou que iríamos ouvir o livro, imaginei que seria escolhido um pequeno fragmento. As conversas ficaram suspensas e de repente instalou-se um silêncio bastante agradável. Aqui e ali ouvia-se tilintar de copos, uma cadeira arrastando-se e nada mais. Começamos a escutar o livro.

A leitura tinha qualquer coisa das novelas de rádio, com sonoplastias que tornavam ainda mais divertido o texto que, por si só, arranca muitas risadas. A voz era presente, nada empostada, e parecia achar graça de si mesma, postura que partilhava com o narrador e personagem principal do livro. Era uma leitura intensa, atenta, não era determinista ou moralizante. Entre os ruídos e a entonação divertida, escutava também a minha presença leitora, e tornavam-se ainda mais vivas e diversas as sensações que tinha do texto. Pouco a pouco virava as páginas, e nada era interrompido. Escutamos o livro inteiro sentados naquelas mesas de bar, em silêncio, com um garçom discreto nos enchendo os copos. Nada ficou de fora e havia uma espécie de democracia da escuta: cada palavra, ao ser lida em voz alta, ocupava o tempo que lhe era justo. Quando acabou, um breve aplauso, despedidas e fui embora.

Todos os dias estava diante de páginas e páginas e lia-as silenciosamente. Imaginava a voz do autor, buscava a minha própria voz ao ler o texto, e continuava, durante o ato da leitura, sozinha. Voltei para casa me perguntado: quando foi que nos esquecemos de ler juntos? Afinal, não faz assim tanto tempo que a leitura era um acontecimento coletivo. Por um lado, historicamente, até pelo menos a Idade Média, para quase todo mundo ler um texto significava escutá-lo. Por outro, na história íntima, escutamos histórias muito antes de saber lê-las. Apesar da dupla origem comunitária da leitura, havia esquecido da força que ela tem quando acontece coletivamente, e foi justamente isso que aquela noite reascendeu em mim. Além de tudo, como experiência urbana e coletiva, aquela era sem dúvida a mais agradável dos últimos tempos. Estava entre desconhecidos, não havia um sentimento de urgência a guiar os ritmos, o tormento da produtividade estava ausente, não éramos indiferentes uns aos outros e, sim, estávamos juntos a fazer este quase nada a que chamamos leitura, ou ainda, estávamos radicalmente à escuta da literatura.

Dessa alegria pensante nasceu o primeiro caderno, intitulado *O Senhor Henri, outra vez!*. Sabia que os efeitos daquela noite me fariam pensar também os modos de partilhá-lo – continuaria a ler e escrever todos os dias, o que seguiria em parte como uma prática solitária. Ainda assim,

2 A edição sonora de *O Senhor Henri* foi feita pela editora Boca com uma equipe incrível: José Neves é o Senhor Henri, a sonoplastia é de José Neves e Nuno Veiga, a ilustração de Luís Henriques e os textos que compõem o encarte do audiolivro são de Ana Paula Guimarães, Júlia Studart, Ana Teresa Marques dos Santos e Nuno Félix da Costa. Para saber mais e escutar um pouco, acesse <https://www.boca.pt/o-senhor-henri.html>.

sabia que a experiência coletiva da leitura me havia lançado para fora do excesso de isolamento. Apesar de embrionário, o mecanismo para a partilha de textos também nasceu ali: publicaria mensalmente em um site de acesso gratuito. Era qualquer coisa de muito simples, estava entusiasmada e me pareceu bastante possível: escrevi o primeiro texto, paginei, disponibilizei. Lançado o número um, esperava que outros viessem.

Ainda reconheço nesta coleção o desejo, a persistência, a intensidade e a inquietação que acompanharam esse início. Publiquei alguns textos da minha biblioteca predileta até que um primeiro leitor me escreveu a propor um texto seu. O retorno foi muito mais rápido do que imaginava, e era já um texto que fortalecia o espírito nascente da coleção. Publicamos. Outros se seguiram e muito rapidamente autores, tradutores, revisores, diagramadores e, sobretudo, leitores vieram ter conosco. A coleção *Caderno de Leituras* vive também da amizade entre nós. Pouco depois da primeira publicação, já vivia mais cotidianamente o que intuía naquela noite: há muitos modos de partilhar a literatura, ou ainda, de viver a literatura como partilha.³

SUSPENSÓRIOS E LINGUAGEM

Nas primeiras décadas do século xx, Siegfried Kracauer escreveu que o tempo glorioso dos suspensórios já havia passado e que o seu desuso coincidia com uma espécie de declínio da humanidade. É que esses acessórios sempre estiveram ligados ao desenvolvimento da personalidade, tendo como tarefa criar harmonia entre espírito e corpo: “vinculadas uma à outra, a natureza recebia o seu, sem que a alma perdesse o que lhe é de direito. As calças se alçavam e as ideias mantinham os pés no chão.”⁴ Tratava-se de uma estrutura originalmente escondida entre a camisa e o paletó, reservada ao íntimo, discreta e exigente. Através dela o sujeito não esquecia que era preciso estar atento à simultaneidade de dois eixos – o horizontal e o vertical – e assim seu espírito sentia-se atraído pela terra onde afinal não deixava de pertencer, e a carne, ainda atenta aos seus impulsos, abria-se à imaginação, ao improvável, ao invisível. Haverá quem prefira refutar rapidamente esse raciocínio acusando-o de favorecer uma dicotomia entre corpo e espírito que, como é sabido, é perigosa e injusta. Apesar de o risco estar por perto, o que me atrai e chama

3 Dito de outro modo, a leitura pública me fez lembrar que se não houver uma espécie de ritual – uma relação dos corpos com os livros, e dos corpos entre si – a literatura definhará na tagarelice dos enredos majoritários ou na obediência ao mercado.

4 KRACAUER, Siegfried. “Os suspensórios: um estudo histórico”. Tradução de Samuel Titan Jr. *Revista Serrote*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales. n. 6, p. 189-191, nov., 2010.

atenção no texto de Kracauer é justamente o desejo de articulação entre os dois, articulação através de um artifício, o suspensório. O abandono da verticalidade torna a carne mutilada e sozinha. Presa ao rasteiro, ela fica atada à funcionalidade, sem compromisso com o que lhe excede, sem delírio, sem imaginação. Consumista e consumida. Já o abandono da carne é a loucura, a entrega ao que não há, o fim da sensibilidade e, portanto, a morte. Não é a toa, diz ainda Kracauer, que o declínio dos suspensórios coincide com a ascensão do cinto esporte, que pouco a pouco as calças viriam a dispensar.

Claro que há contrapontos ao texto de Kracauer, e voltarei a eles. Entretanto há ali a fagulha a partir da qual crio critérios de leitura, e uma espécie de liberdade e humor que é tudo o que gostaria de não esquecer. Quero dizer que a coleção já tinha alguns números quando com esse texto vislumbrei o modo de continuá-la: nela o exercício de escrita e pensamento é inseparável da articulação destes eixos através de um artifício. Para mim, já não se tratava de suspensórios, mas de um outro artifício bastante mais antigo: a linguagem. Se imagino um diagnóstico para as doenças da literatura, seria exatamente a perda da atração por qualquer um dos eixos, ou ainda o esquecimento do artifício que os conecta. Por exemplo: há textos delirantemente aéreos, descompromissados com as mutações, o devir, a alteridade, a matéria áspera, o corpo; no limite, textos caga-regras em busca de plateia, estruturas regulamentadoras e frias. Há também textos rasteiros que, sem a flexão vertical, perdem-se na utilidade, esquecem o salto das ideias, oscilam entre a descrição e a repetição, mais parecidos com instruções para o uso de qualquer coisa do que com o que imagino nomear literatura. Há ainda aqueles que se esquecem do artifício e fazem das palavras instrumentos, como se fossem decadentes substitutos de qualquer coisa ausente, palavras que estão ali a serviço, articuladas de modo a permanecerem domesticadas, mortificadas, sem brilho e esquecidas da sua história. Encontrei textos assim a vida toda, e não é raro perceber que a doença deles contagiou os leitores. Muitas vezes o cinismo dá o tom das conversas na saída das bibliotecas; nos debates da faculdade, inteligência e ceticismo são repetidamente confundidos, assim como crítica e destruição. Mesmo os leitores mais vivazes muitas vezes amuam-se quando querem escrever: parece pretensioso querer experimentar aquela articulação de eixos e de palavras. É mais recorrente ver quem se sente obrigado a repetir, competir, cumprir.

Todavia, ao mesmo tempo, nas bibliotecas sempre brilharam outras formas de escrita, muito mais próximas desta flecha no coração que a literatura pode ser, qualquer coisa de muito viva e que deitada no papel também salta por aí a acompanhar seus leitores. Quando lia textos assim, a linguagem tornava-se visível, infinita e presente. Lia e sentia também a promessa de tudo o que restava por dizer. Eram textos a chamar por outros textos, numa relação muito intensa com a vida. Eram esses os textos que queria publicar nesta coleção: queria farejá-los, encontrá-los aqui e ali, convidar pessoas a escrevê-los. Uma

série de ensaios com a marca deste compromisso duplo e simultâneo, um compromisso agudo com quase nada, quer dizer, compromisso com um ponto radical de articulação entre a literatura e a vida através do artifício da linguagem. Conhecia textos assim, sabia que havia quem os escrevia, imaginava os que ainda seriam escritos. A verdade é que a abundância da coleção confirmou para mim que esses textos não só existiam como não era difícil que eles chegassem em minhas mãos. Escolhi textos para alguns números, e pouco depois o espírito da coleção foi fortificado por outros que me eram indicados, traduzidos, escritos, enviados por amigos e leitores.

MINI-SAIA E CRIANÇAS

No começo da coleção, vivia na Europa e lia marcadamente autores europeus: Maria Gabriela Llansol, Siegfried Kracauer e outros que, mesmo minoritários (quase sempre imigrantes, vários que escreviam em línguas estrangeiras etc.), eram europeus, tantas vezes homens, quase sempre brancos. Buscava nestes autores ensaios sobre teoria e crítica literárias e continuo a ler os textos intensos que publiquei naqueles primeiros números. Entretanto durante esses quase dez anos o percurso da coleção se diversificou. Se insisto em pensar a partir de Kracauer, é como se tivesse percebido pouco a pouco que a sua argumentação se restringia a um acessório majoritariamente masculino, e que, portanto, a decadência que ele apontava é também uma decadência das práticas de pensamento masculinas. Poderíamos reescrever seu texto a partir de outro percurso, por exemplo, da cinta-liga à queima do sutiã, ou do espartilho à mini-saia. Portanto: se a qualidade da presença que ele aponta tornou-se minoritária no contexto masculino europeu, ela pode estar abundante, viva e atuante algures.

Talvez tenha sido isto o que aconteceu com esta coleção: queria buscar aqueles textos brilhantes para além das incríveis bibliotecas que conhecia. Isso era uma intuição e também uma tática de sobrevivência: testemunhava uma espécie de repetição do anúncio da catástrofe (como na decadência da humanidade de Kracauer) que, por mais exata e justa, ameaça tornar o pensamento asfixiante. Foi assim que busquei me aproximar das práticas de aprendizagem e cuidados com as plantas, e tornou-se evidente que o pensamento inter-espécie pode ensinar a reescrever os caminhos para fora dos labirintos antropocêntricos que nos aprisionam. Entre as plantas, a relação entre a horizontalidade e a verticalidade é um jogo de forças vivo, e daí brota a persistência vegetal. Buscava também a força ameríndia, sul-americana, outras paisagens de escrita com pesquisas, textos, autores, iniciativas políticas e espaços de conhecimento talvez mais violentos no que dizem, e sem dúvida menos colonizadores. Os ensaios nos levaram das plantas aos índios, deles aos negros e às mulheres, e delas às crianças: esta coleção chega ao número

cem e quer persistir à escuta de variações minoritárias, recriando o seu gesto de partilha a partir daí.

Em dez anos a vida de uma mulher pode mudar muito, e não importa saber se foram as experiências de vida que alteraram esta coleção, ou se foi a partir do que ela me fez pensar que operei as mutações na minha vida. A experiência íntima com as plantas e a migração geográfica de Lisboa para Belo Horizonte sem dúvida me reescreveram por inteiro, e busco responder a isso em quase tudo o que faço. Todavia, a marca mais definitiva, alegre e angustiante, a que sem dúvida faz variar tudo o que vivo, foi tornar-me mãe. O eixo horizontal de que fala Kracauer e sobre o qual me ensinam as plantas talvez seja agora em mim as ancas que, gerando duas crianças, me fizeram reviver o que havia aprendido ao longo da linhagem feminina, tornando tátil a herança que reinvento e lanço para as meninas que nasceram de mim. É um eixo horizontal extenso, sob o qual se apoia mais ou menos fragilmente um eixo vertical, quer dizer, a minha coluna, que por tanto tempo serve para sustentar a mim e às crianças. Sou mãe e elas se apoiam em mim, verticalizando-se através da minha estrutura, aprendendo a escutar e falar uma língua. Para as minhas filhas destino os textos desta coleção, porque em qualquer coisa que faço não as esqueço, e essas meninas são todas as crianças.

Por tudo isso, quero dizer que este número cem é uma brecha por onde chega o futuro desta coleção. Escrevi aqui o meu testemunho e poderia começar de novo dizendo que esta coleção vive porque há uma maravilhosa equipe a cuidar dela. Há quem tenha chegado naqueles primeiros números e que confiou na experimentação que fazíamos. Muitas dessas pessoas continuam na coleção, algumas tornaram-se editoras da Chão da Feira, outras revisores com os quais temos a alegria de continuar a trabalhar. Ao longo dos anos, tradutores e autores, entrevistadores e críticos criaram conosco uma extensa e flutuante equipe, que vive encontros por vezes breves, mas sempre intensos porque dedicados aos textos, à leitura, ao que cada um quer dizer ou ouvir. Há quem cuide graficamente do texto e crie para ele paratextos, capa e miolo, inventando também modos de ocupar as plataformas de divulgação. O projeto gráfico da coleção é incrível e quando olho para os cem números reunidos no site vejo que também há ali um extenso percurso de experimentação e aprendizado. Quero agradecer radicalmente a essa equipe, sem ela esta coleção não seria nada. Continuamos porque somos agora uma pequena multidão e reinventamos a cada número modos de partilhar esta coisa que amamos tanto – a literatura.⁵ Imagino os próximos números e sei que

5 Prefiro não citar nenhum nome nestes agradecimentos – há de fato uma força de pequena multidão que move estes cadernos e para ser justa teria que citar todos e cada um. Mas não quero deixar de dizer que há uma equipe de trabalho muito próxima e persistente, composta por pessoas que admiro imensamente, e que está indicada no site da Chão da Feira. Entre elas, quero agradecer especialmente à Luísa Rabello, editora de arte e

seremos muitos a buscar por textos para esta coleção. Continuamos a escolher entre o que há nas bibliotecas, este lugar onde tanto espera por ser lido. Por lá e por toda parte estamos à escuta das variações minoritárias, atentas ao modo como a potência e a singularidade dessas vozes reinventam a partilha da literatura. Entre todas as páginas, como sinal de intimidade entre o desconhecido e o por vir, há de se ouvir o riso e o choro, o som de brincadeiras e a rebeldia das crianças.

.....

colaboradora desta coleção, e à Júlia de Carvalho Hansen que edita comigo a série *Infância* e desde o início é editora colaboradora desta coleção. As duas são também editoras da Chão da Feira e ainda bem que estamos juntas nestas e noutras tantas empreitadas vida afora. Mil vezes quero dizer muito obrigada a elas e a todos os que se reúnem para criar esta coleção.

Caderno de Leituras n.100

Breve história desta coleção

Maria Carolina Fenati

Coordenação editorial: Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte: Luísa Rabello

Revisão: Clarissa Xavier e Maria Clara Xavier

Composto em UnB Pro

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, março de 2020

Esta e outras publicações da editora
estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo
à Cultura de Belo Horizonte. Patrocínio UniBH. Projeto 0699/2017.

Patrocínio

Incentivo

unibh ›

LMIC
LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA